



FÉ E EDUCAÇÃO: INTELECTUAIS DE *A CRUZADA*

Amanda Marques dos Santos

Mestranda pelo PROHIS/ UFS- Bolsista Capes

E-mail: amandamarques.ufs@gmail.com

Orientação: Prof. Dra. Célia Costa Cardoso (PROHIS/UFS)

ST 4 - Formação humana sob a perspectiva histórica:

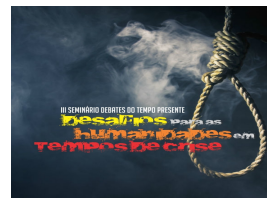
intelectuais, instituições e projetos educacionais em tempos de crise

O jornal *A Cruzada* foi produzido por uma ala da Igreja Católica Sergipana durante boa parte do século XX, ou mais especificamente, de 1918 até 1970. Assim, é importante salientar que ele foi fundado por Dom José Thomaz Gomes Silva¹, sua produção era de responsabilidade da Arquidiocese de Aracaju e sua redação funcionava no próprio Seminário Diocesano, localizado na cidade de Aracaju. Sua circulação possuía uma tiragem semanal, e havia três aspectos básicos que formavam os pilares deste jornal católico: cultura, instrução e fé.

O corpo editorial e de redatores foi formado por um grupo de intelectuais católicos, composto por membros da Igreja e por homens importantes da sociedade sergipana da época, a exemplo de professores e jornalistas, todos, no entanto, cristãos. Dessa forma, buscamos no presente artigo fazer uma reflexão sobre os intelectuais que estiveram envolvidos com a produção do jornal, seja como diretores ou redatores, escolhendo como recorte temporal os anos referentes ao Estado Novo (1937-1945) e a Ditadura Civil-militar (1964-1970), recorte adotado na pesquisa de mestrado intitulada como *Igreja, poder e imprensa: O ideário anticomunista no semanário sergipano A Cruzada*.

Nesse sentido, a pesquisa referida acima busca realizar um estudo comparativo dos discursos anticomunista de uma parcela do clero conservador entre a Ditadura

¹ Andrade (2010) afirma que “D. José nasceu em Martins, cidade do Rio Grande do Norte, em 4 de agosto de 1837. Filho do juiz de direito Dr. Thomas Gomes e Anna Constança da Silva, iniciou seus estudos eclesiásticos no seminário de Olinda em 1891. Em 1894 ingressou no Seminário da Paraíba, recebendo as ordens sacerdotais nesta escola (...) nomeado Bispo de Aracaju em 1911, por Pio X, com a sagração na Catedral de Paraíba no mesmo ano. Faleceu em Aracaju, em 1948” (ANDRADE, 2010, p.108)



varguista (1937-1945) e da Ditadura civil-militar (1964-1985). Leva-se em consideração que o anticomunismo foi a chave ideológica ou discursiva para a deflagração destes dois golpes de Estado, assim, neste estudo, buscaremos compreender as rupturas e continuidades a respeito da difusão do ideário anticomunista presente no jornal nesses dois momentos históricos.

É importante salientar que o interesse do presente artigo faz parte do interesse geral da pesquisa de mestrado que estamos desenvolvendo. Busca-se identificar a formação destas personalidades e as formas de participação e compreensão dos princípios da Igreja Católica do momento. Para tanto, construímos uma tabela dos diretores e redatores do recorte temporal adotado, haja vista que o jornal tinha colaboradores diversos, de modo que seja possível refletir sobre a influência da formação social destes homens e como esse fato influenciou na escrita do jornal. Dessa forma, buscaremos relacionar o referido discurso com a formação social dos intelectuais, bem como o pertencimento a Igreja instituição.

Formação social dos intelectuais cristãos

Partimos da hipótese que o jornal *A Cruzada* era uma forma desse grupo de intelectuais cristãos difundir sua visão de mundo (MORAES, p.40), e de um modo mais específicos as ideias da ala da Igreja Católica a qual estavam vinculados, tornando assim o jornal como um espaço privilegiado de debate intelectual. É importante mencionar, pelo menos de um modo geral, que os responsáveis por esse jornal mantiveram sempre uma relação muito próxima com as ideias defendidas pelos governos autoritários do momento, assim, seria possível afirmar que as ideias propagadas ajudavam a reforçar as ideias das ditaduras vigentes.

Após análise do periódico notamos que *A Cruzada* busca interpretar a sociedade em seus diversos aspectos- políticos, culturais, econômicos e sociais-, nesse sentido, surgiu o questionamento acerca da identificação do grupo responsável pelo jornal como intelectuais e como uma elite cultura. Para refletir melhor sobre essa questão utilizamos as reflexões propostas por Jean-François Sirinelli e Antônio Gramsci.



Gramsci (2011) e Sirinelli (2003) auxiliam nesse trabalho, na medida em que ajudam a pensar o conceito de intelectuais bem como o uso que estes fazem de jornais e revistas. Partindo da afirmação de que todo homem é um intelectual, apesar de nem todos exercerem esse papel na sociedade, Gramsci (2011) faz uma distinção entre os intelectuais “orgânicos” e “tradicionais”. Assim, consideramos o grupo de intelectuais responsáveis pela produção de *A Cruzada* pode como intelectuais “tradicionais”. Isso porque para Gramsci (2011)

a mais típica destas categorias intelectuais é a dos eclesiásticos, que monopolizam durante muito tempo (numa inteira fase histórica, que é parcialmente caracterizada, aliás, por este monopólio) alguns serviços importantes: a ideologia religiosa, isto é, a filosofia e a ciência da época, com a escola, a instrução moral, a justiça, a beneficência, a existência, etc. (GRAMSCI, 2011, p.16).

Nesse sentido, os intelectuais “tradicionais” são herdeiros de formações históricas-sociais já existentes. São, assim, vinculados aos grupos sociais dominantes. Diferenciando-os, dessa forma, dos intelectuais “orgânicos”, já que estes seriam formações que cada nova classe social cria para si, e que continuam vinculados ao grupo social que o formou.

Gramsci defende ainda que os intelectuais, sejam os “tradicionais” ou “orgânicos”, são sempre vinculados ao grupo social em que está inserido, não sendo, dessa forma, um grupo autônomo. Assim, para ele deve-se sempre classificar um intelectual a partir do conjunto das relações sociais em que ele está inserido. Este aspecto é importante pois ajuda a pensar a forma como os responsáveis pela produção do jornal *A Cruzada* faziam parte de um mesmo grupo social, e mais que isso, estavam vinculados aos interesses desse grupo.

É interessante pensar que o jornal *A Cruzada* pode ser visto como uma rede de sociabilidade desses intelectuais, já que, de acordo com a definição de Sirinelli (1998), estes são os lugares onde os intelectuais se socializam. Existe, dessa forma, nesses lugares a influência da aproximação ideológico como também questões afetivas. Este autor afirma que “Em suma, uma revista é antes de tudo um lugar de fermentação intelectual e de relação afetiva, ao mesmo tempo viveiro e espaço de sociabilidade, e pode ser, entre outras abordagens, estudada nesta dupla dimensão” (SIRINELLI, 2003, p. 249)



Ainda é possível afirmar que estes intelectuais podem ser considerados como uma elite cultura, pois de acordo com Sirinelli (1998), pode ser considerado como um intelectual aquele que faz parte da construção e da mediação da cultura. Dessa forma, essas elites são definidas de acordo com a sua capacidade de ressonância e de amplificação, bem como pelo seu poder de influência. Importa ainda, nesse sentido, compreender a forma como sua imagem é refletida pelo espelho social.

Após essas considerações iniciais a respeito dos conceitos de Intelectuais e Elite Cultural é possível tratar dos intelectuais envolvidos na produção do jornal *A Cruzada*, ou de maneira mais específica, aqueles que estiverem a frente do jornal durante os períodos que correspondem a Ditadura varguista (1937-1945) e a Ditadura civil-militar (1965-1970)². Seu corpo editorial foi composto sempre por membros da Igreja e por intelectuais católicos que faziam parte laicato. É possível afirmar que o diretor e os redatores do jornal nos anos iniciais dessa pesquisa ficavam no cargo por um bom tempo, o que evitou uma alta rotatividade dos ocupantes, no entanto, como veremos na tabela abaixo esse aspecto muda nos anos que correspondem a ditadura civil-militar.

ANO	DIRETOR	REDATOR-CHEFE	FRASE DESTAQUE
1937	Padre João Moreira Lima	Diversos	Órgão da Ação Católica
1938	Padre João Moreira Lima	Conego Edgar Brito	Órgão da Ação Católica
1942	Padre João Moreira Lima	Padre Manuel Soares, Cónego Avelar Brandão Vilela e padre João.	Órgão da Ação Católica
1943	Conego João Moreira Lima	Padre Manoel Soares	Órgão da Ação Católica
1944	Conego João Moreira Lima	Padre Manoel Soares	Não consta
1945	Conego João Moreira Lima	Padre Manoel Soares	Não consta
1965	Padre Ovídio Valois Correia	João Oliva Alves	Órgão da Arquidiocese de Aracaju
1966	Padre Balbino José Marques	João Oliva Alves Ivo Marques de Barros Antônio Francisco de Jesus	
1967	Padre José Padilha (até agosto)	Antônio Francisco de Jesus (até abril)	Órgão independente e noticioso

² É importante esclarecer que a análise que corresponde ao período da Ditadura Civil-Militar abrange esses anos pois durante o ano de 1964 o jornal teve uma pausa em sua circulação e foi extinto no ano de 1970, como já foi citado anteriormente.



	L M Gonçalves	Mac Dowell Holanda	
1968	Luiza Maria Gonçalves (Diretor-redator) Pedro da Silva Bastos (Diretor-gerente)	Mac Dowell Holanda (até junho)	Órgão independente e noticioso
1969	Luiza Maria Gonçalves (Diretor) Pedro da Silva Bastos (Diretor-gerente) D. Luciano Cabral Duarte (Diretor-Presidente)	Ana Lucia da Silva	Órgão noticioso, apolítico e independente
1970	Luiza Maria Gonçalves	Ana Lucia da Silva	Órgão noticioso, independente e apolítico

Tabela 1: relação dos diretores e redatores do jornal *A Cruzada*

Até o presente momento da pesquisa conseguimos fazer um levantamento de alguns dados biográficos dos envolvidos na produção do referido jornal. Diante desse aspecto, é importante salientar que como o jornal possuía diversos colaboradores a análise dos homens que produziam esse período vai ser restrita aos envolvidos nos cargos de direção e de redação do periódico.

Notamos, nesta tabela, que além de padres e cônegos fizeram parte do corpo editorial de *A Cruzada* membros da sociedade sergipana que faziam parte, evidentemente, de uma elite cultural. Ao observamos a tabela acima notamos que nos últimos anos de existência do jornal este passou a ser produzido por mulheres, coincidindo com uma mudança também na frase destaque do jornal, sendo que esta perde o seu título marcadamente religioso e passa a se denominar como “Órgão noticioso, independente e apolítico”. Entretanto, infelizmente, até o presente estágio da pesquisa não foram encontrados dados bibliográficos, restando apenas a informação que eram professoras e jornalistas, dados citados no corpo do próprio jornal.

No livro de Tombo presente na Cúria Metropolitana de Aracaju, encontramos algumas informações iniciais sobre os membros da Igreja que faziam parte do corpo editorial do jornal *A Cruzada*. Essas informações foram complementadas pelos dados trazidos na dissertação intitulada como *Os padres de D. José: Seminário Sagrado Coração de Jesus (1913-1933)*.



O padre Edgar Brito (1907-1989) nasceu na freguesia da Gararu em 1907, tendo sido ordenado padre por Dom José Thomas em 1930, seus pais Manuel Vicente Brito, um canoeiro, e Maria Pureza de Brito o matricularam inicialmente em um colégio de Gararu, de onde saiu para estudar na cidade de Penedo. Lecionou no próprio seminário ainda como seminarista, onde foi, assim que ordenado, vice-reitor (1930). Em 1947 foi eleito Deputado Estadual, e enquanto tal, lutou pela inserção do nome de Deus na Constituição. Foi assistente eclesiástico da Juventude Operária Católica (JOC), bem como escreveu diariamente para o jornal “O Estado de Sergipe”, tendo-o adquirido de-lhe o nome de “Folha da Manhã”.

João Moreira Lima (1910-1996), por sua vez, nasceu na freguesia de Capela em 1910, sendo ordenado também por Dom José Thomas em 1934. Órfão, acabou sendo adotado pela viúva D. Margarida Rodrigues Vieira Coelho, que fazia parte da família de Simeão Sobral. E pelo menos durante o recorte temporal aqui adotado, ele foi o padre que ficou a maior quantidade de anos na direção do jornal. Foi ele também que fundou em 1935 Círculo Operário Católico de Sergipe³. Sobre ele Barreto (2004) afirma que foi um crítico do PCB e da UDN, uma vez que esta foi apoiada pelos comunistas nas eleições de 1947. A referida autora afirma ainda que ele defendeu frades alemães acusados de 5ª coluna e de nazistas na Segunda Guerra.

Avelar Brandão Vilela nasceu em Viçosa (1912-1986) e foi ordenado padre por Dom José Thomas em 1935, sendo filho dos donos de engenho Elias Brandão Vilela e Isabel Brandão Vilela. Fez parte de uma família de longa tradição vocacional, tendo tios, primos e até mesmo duas irmãs na carreira religiosa. Posteriormente, foi durante algum tempo professor do Seminário Sagrado Coração de Jesus. Foi Bispo de Petrolina, Arcebispo em Terezina, no Piauí, e na Bahia. É importante mencionar que segundo Barreto (2004, p.96) se envolveu em diversas questões sociais, chegando a distribuir terras da Igreja com os mais pobres. Assim,

começou sua carreira ainda seminarista como professor de Latim do Seminário Sagrado Coração de Jesus (1933-1924), depois professor de

³ Este Círculo foi bastante noticiado nas páginas do jornal *A Cruzada*, aparecendo em quase todas as edições dos anos iniciais que foram analisadas para a presente pesquisa. Aparecia notícias sobre campanhas para levantar fundo, as obras deste Círculo, os eventos realizados, os gastos, bem como de assuntos variados. É importante salientar que o Círculo Operário de Sergipe fez parte de um projeto mais amplo da Igreja Católica, de modo que visava trazer os trabalhadores para o seio da Igreja.



Psicologia no Colégio Estadual de Sergipe, membro do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe- IHGS e da Academia de Letras da Bahia. (BARRETO, 2004, p.95)

Manuel Soares nasceu em Própria em 1914 e foi ordenado padre por Dom José Thomas em 1937. Tal como os outros padres citados aqui, ele foi também professor do Seminário Sagrado Coração de Jesus da disciplina de História Geral, História do Brasil e Literatura. Foi também Capelão do Hospital Santa Isabel e da Penitenciária de Aracaju. As informações que temos sobre sua vida sacerdotal são poucas, supomos que o motivo para isso seja o fato dele ter abandonado o sacerdócio para casar-se, como bem salienta Barreto (2004).

José Padilha de Oliveira nasceu a 10 de outubro de 1939 em Tobias Barreto, filho de Pedro Correia de Oliveira e Alzira Padilha de Oliveira. Seu pai foi um guarda fiscal de um dos postos da Secretária da Fazenda e sua mãe dedicou-se ao lar. Aos doze anos foi para a capital estudar no Seminário Arquidiocesano, para o seminário maior foi para o Rio Grande do Sul, sendo ordenado sacerdote em 1965 por Dom Vicente Sherer. Logo depois de ordenado foi designado por Dom Távora para a direção de *A Cruzada*. Desenvolveu também as atividades de pároco e de professor em vários colégios da capital. Após nove anos de sacerdócio decidiu deixar o clero por questões relativas ao celibato. Assim, sobreviveu alguns anos exclusivamente como professor até se formar em direito pela Universidade Federal Sergipe e começar a advogar.

Dom Luciano José Cabral Duarte nasceu em Sergipe no dia 21 de janeiro de 1925, filho do casal José de Góes Duarte e de Célia Cabral. Nasceu, como bem destaca Moraes (2008), da união de duas famílias sergipanas ligadas a uma forte tradição literária e intelectual. Com onze anos de idade, foi para o Seminário Diocesano Sagrado Coração de Jesus de Aracaju começando sua trajetória de sacerdote ainda criança. Do Seminário em Aracaju, foi para o Seminário Maior de Olinda, em Pernambuco, no ano de 1942, onde permaneceu estudando Filosofia e Teologia. Ordenou-se padre em 1948 pelo Seminário de São Leopoldo no Rio Grande do Sul, retornando em seguida para Aracaju. Teve várias ocupações, seja na área religiosa ou educacional, assim, podemos citar: diretor do jornal *A Cruzada*, assistente eclesiástico da JUC (Juventude



Universitária Católica), professor e diretor da Faculdade de Filosofia e um dos criadores da Universidade Federal de Sergipe.

Os dados que temos a respeito do padre Ovídeo Valois Correia no atual momento dessa pesquisa são poucos. No entanto, é possível afirmar que ele tinha uma forte ligação com a educação do Estado, uma vez que foi um dos intelectuais envolvidos no processo de fundação da UFS.

As informações que dispomos nesse estágio da pesquisa de Mac Dowell Holanda e Pedro da Silva Bastos é a de que eles eram jornalistas que atuavam em Sergipe nesse contexto analisado. A respeito de João Oliva Alves sabemos que ele também era um jornalista e que ele saiu do cargo que ocupava em 1965 pois foi aprovado em um concurso do Tribunal Regional Eleitoral, informação disponibilizada no próprio jornal *A Cruzada*. Ainda sobre ele é possível afirmar que nasceu em 1922 em Riachão do Dantas, ocupando atualmente a cadeira 24 da Academia Sergipana de Letras. Formou-se em Direito, mas desde muito cedo começou a exercer a atividade de jornalista. Sua atuação em jornais começou ainda em sua cidade natal, de onde enviava textos para a capital e o interior. Já em Aracaju fez parte de vários jornais, a exemplo dos impressos *Gazeta de Sergipe*, *A Cruzada* e *Diário de Aracaju*, além de ter participado da Rádio Cultura de Sergipe.

Antônio Francisco de Jesus, conhecido atualmente como Antônio Saracura, nasceu em Itabaiana e possui vários livros no campo literário. Exercendo por muitos anos as atividades de jornalista no jornal *A Cruzada* e na Rádio Cultura de Sergipe. Estudou no Seminário Diocesano Sagrado Coração de Jesus, e de lá foi para o Atheneu Sergipense, e na UFS formou-se em economia em 1971.

Um aspecto central para a presente análise é notar que a maioria dos padres presentes na tabela foram ordenados pelo Seminário Sagrado Coração de Jesus, fundado em 1913.⁴ Nesse sentido, quase todos são sergipanos e depois de ordenados começaram a desenvolver influências significativas na sociedade sergipana. Assim, além desses

⁴ Tal como destaca Andrade (2010, p.125) o objetivo principal da criação do Seminário era formar sacerdotes, de modo que fosse possível ter um clero numeroso e separado dos vícios mundanos, bem como dependentes da hierarquia da Igreja. Existiu de 1913 até 1933 com o Seminário Menor e o Seminário Maior e em 1935 foi reaberto apenas com o Menor. "Ambicionava a formação de um corpus sacerdotal homogêneo" (ANDRADE, 2010, p.128)



clérigos possibilitarem uma renovação na Igreja Católica do Estado, em consonância com o processo de romanização⁵, auxiliavam na área educacional e cultural sergipana.

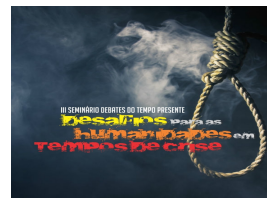
Nesse sentido, é interessante pensar como estes padres são denominados por Barreto (2004b) como uma elite intelectual no Estado, pois além da formação de padres era uma casa formadora de intelectuais ativos, criadores e mediadores. O Seminário Sagrado Coração de Jesus pode ser visto como um instrumento de cultura em uma terra onde havia poucas oportunidades e muitas deficiências nos campos do estudo e do saber. Assim, a referida autora afirma que

nestes cursos, o seminarista não só adquiria a formação necessária ao sacerdócio, como era-lhe passado, embora com as restrições impostas pela Igreja, um constructo teórico que lhe favorecia tanto para a participação da vida quanto no campo educacional e intelectual. (BARRETO, 2004a, p.89)

Dos intelectuais que dispomos de dados bibliográficos é possível afirmar que todos exerceram atividades na área do ensino, seja no próprio Seminário depois de ordenados, no caso dos padres, em escolas públicas e particulares do Estado como em universidades. Aqui notamos uma clara evidência da aproximação da educação no Estado com os nomes envolvidos na produção do jornal *A Cruzada*.

Durante o período da República Velha houve a intenção de atrair para o corpo da Igreja filhos de grandes famílias, havendo apenas uma pequena cota para os jovens de origem humilde, tal como bem salienta Miceli (2009, p.76). Essas considerações são importantes, pois os padres aqui analisados são formados em meio a esse contexto. Nesse sentido, como Andrade (2010) chama atenção, é importante salientar que a própria formação do Seminário em Aracaju foi fortemente marcada pelo apoio, inclusive financeiro, dos grupos da elite sergipana. Nesse sentido, em cada paróquia foi formada uma Comissão Permanente com o intuito de arrecadar fundos para as obras do Seminário.

⁵ Durante boa parte do século XIX as Igrejas Católicas brasileiras estavam muito distantes da postura de Roma, e é justamente nesse contexto que o Vaticano se esforça para conseguir um controle maior sobre as Igrejas nacionais, em uma busca por instituir um catolicismo mais oficial. Essa reforma chega em Sergipe com a criação da Diocese em 1910 como salienta Andrade (2010) e buscava substituir o catolicismo popular por um catolicismo hierárquico e sacramental, ou, em outras palavras, buscava-se uma orientação “romanizadora”.



Por mais que estes padres não fizessem parte de famílias ricas e de renome na sociedade é possível destacar que eles estavam em famílias que faziam parte dos escalões superiores da hierarquia social. E, inclusive, a ida dos jovens para a vida religiosa poderia ser uma forma de ampliar ou reacender o prestígio social da família. Assim, a família que tivesse um sacerdote entre seus membros era sempre bem vista, pela própria população como pela Igreja, afinal de contas se tornava mais respeitável.

Considerações Finais

Com base nos dados encontrados, e levando em consideração as trajetórias individuais desses sujeitos, é possível afirmar que eles não vinham dos estratos sociais mais baixos, afinal de contas, tiveram com acesso a escolarização em uma época em que ela não era tão difundida. Possuíam contatos com pessoas que estavam próximas dos círculos de poder da sociedade, seja a partir da política ou até mesmo da Igreja. Entretanto, é importante salientarmos que acreditamos que o discurso encontrado no jornal deve ser analisado para além da influência da instituição Igreja, ou seja, devemos compreender também o lugar social desses intelectuais.

Com as reflexões desenvolvidas nesse artigo conclui-se que existiu uma forte ligação entre os intelectuais responsáveis pela produção de *A Cruzada* e a educação em Sergipe. Apesar de sua influência ter sido reduzida com a República, parte considerável dos intelectuais responsáveis pelo jornal permaneceu próximo da educação do Estado.

Referências

ANDRADE JUNIOR, Péricles Moraes de. *Sob o olhar diligente do Pastor: a Igreja Católica em Sergipe (1831-1926)*. São Cristóvão: Editora UFS, 2010.

BARRETO, Raylane Andreza D. Navarro. *Os padres de D. José: O Seminário Sagrado Coração de Jesus (1913-1933)*. 2004. 130f. Dissertação (Mestrado em educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2004.a

BARRETO, Raylane Andreza D. Os padres de Dom José: o Seminário Sagrado Coração de Jesus (1913-1933). *Revista Educação em Questão*, Natal, v. 21, n. 7, p. 136-160, set./dez. 2004.b



- BOBBIO, Norberto; MATEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. *Dicionário de Política*. 11. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.
- CRUZ, José Vieira da. *Da autonomia à resistência democrática: movimento estudantil, ensino superior e a sociedade em Sergipe, 1950-1985*. 2012. 526 f. Tese (Doutorado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, UFBA. Salvador. 2012.
- DANTAS, Ibarê. *A tutela militar em Sergipe, 1964/1984: partidos e eleições num estado autoritário*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997.
- FALCON, Francisco. História e poder. In: CARDOSO, Ciro F; VAINFAS, Ronaldo. (orgs.) *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. RJ: Campos, 1997, p. 61-89.
- GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do cárcere*, Apontamentos e notas dispersas para um grupo de ensaios sobre a história dos intelectuais, Caderno 12, 2 vol. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.
- MAINWARING, Scott. *Igreja Católica e Política no Brasil: 1916-1985*. São Paulo: Editora Brasiliense, 2004.
- MICELI, Sérgio. *A elite eclesiástica brasileira: 1890-1930*. São Paulo: Companhia das letras, 2009.
- MORAIS, Gizelda. *Dom Luciano José Cabral Duarte: relato biográfico*. Aracaju: Gráfica Editora J. Andrade, 2008.
- PEREIRA, Luciana de Lima. “A Igreja Católica em “tempos mundanos””: A luta pela construção de uma Neocristandade em Teresina (1948-1960). 2008. 244 f. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Piauí, Piauí. 2008.
- SÁ, Rozendo de Aragão; LINHARES, Ronaldo Nunes. *A Imprensa em Sergipe: notas sobre o Jornal “A Cruzada”*. In: ENCONTRO NACIONAL DE IMPRENSA, 7, 2009, Porto Alegre. Anais... Porto Alegre: UFRGS, 2009. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontrosnacionais/7oencontro20091/A%20imprensa%20em%20Sergipe%20notas%20sobre.pdf>>. Acesso em: 30 ago. 2015.
- SALES, Tatiana Silva. *As falanges da Boa Imprensa: o jornal 'A Cruzada' em Sergipe, 1918 a 1969*. 2005. 96 f. Monografia (Licenciatura em História) - Departamento de História, Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de Sergipe, Sergipe. 2005.
- SIRINELLI, Jean-François. As elites culturais. In SIRINELLI, J-F; RIOUX, J-P (Orgs.) *Para uma história cultural*. Lisboa: Ed. Estampa; 1998
- SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: REMOND, René. *Por uma história política*. Rio de Janeiro: ed. FGV, 2003.